

# Reconhecer o Estado da Palestina é Reconhecer a Solução dos Dois Estados <sup>1</sup>

Hikmat Ajjuri <sup>2</sup>

Bom dia, caros amigos e amigas.

Para começar, gostaria de agradecer aos organizadores MPPM, CPPC e CGTP, bem como à Câmara Municipal de Almada, que tão receptiva e hospitaleira está a ser em nos receber no seu município.

Gostaria, também, de agradecer a todos os presentes. A vossa presença connosco hoje é uma mensagem de solidariedade com o povo palestino que sofre com a ocupação israelita desde 1967.

Cumprimento, também, o corpo diplomático, especialmente a senhora Embaixadora da Tunísia e o corpo diplomático das outras Embaixadas árabes e quero agradecer, em especial, ao senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal de Almada por esta mensagem muito importante que acabou de dizer.

Hoje é dia 29 de Novembro, um dia triste para o martirizado povo palestino. Há 67 anos as Nações Unidas decidiram, sem perguntar ao povo que ali vivia, partilhar a Palestina histórica entre o povo judeu e o povo árabe. Esta decisão é uma decisão imperialista que resulta de uma promessa dos ingleses, de 30 anos atrás, de construir um estado judaico na Palestina.

Essa promessa, que chamamos a promessa de Balfour, a promessa pessimista, até os Estados Unidos, em 1919, criticaram, pois disseram que essa promessa iria destruir o povo palestino.

Em 1919, quando esta decisão foi declarada, a percentagem de judeus na Palestina era de 6%. Em 1947, quando foi feita a Resolução da Partilha pelas Nações Unidas, a percentagem de judeus na Palestina era de 30%. Mesmo assim, as Nações Unidas decidiram dar-lhes 56% do território palestino.

A parte dolorosa desta decisão de partilha não foi só os 78% do território foi para os judeus, com a ajuda da Grã-Bretanha, especialmente para cumprir a promessa Balfour de 1917. A parte mais dolorosa foi, também, que o Estado de Israel foi constituído mas nunca foi cumprida a outra parte da partilha que era a constituição do Estado Palestino.

A outra parte catastrófica desta decisão foi que as Nações Unidas estabeleceram um estado à margem da lei internacional, porque mesmo esta decisão de partilha tinha uma parte para os árabes, o Estado da Palestina, que nunca foi criado. Mas tinha outra parte importante que era o direito dos 750.000 refugiados de voltar às suas terras de origem que agora estão naquilo que é chamado Israel.

Israel é um Estado à margem da lei porque não respeita a própria Resolução que resultou no seu nascimento. Ao não respeitar as Resoluções das Nações Unidas que o legitimaram, é Israel que se deslegitima a si próprio e não os Palestinos que Israel acusa de não os legitimarem. Israel não respeita nenhuma das Resoluções das Nações Unidas, que são mais de 100.

As Nações Unidas foram estabelecidas depois da Segunda Guerra Mundial para garantir a paz no mundo. Mas, infelizmente, o máximo que as Nações Unidas fizeram por nós foi, 30 anos depois da Resolução da

---

<sup>1</sup> Intervenção no Seminário Internacional de Solidariedade com o Povo Palestino, realizado em 29 de Novembro de 2014, no Fórum Municipal Romeu Correia, em Almada, organizado pelo MPPM, pelo CPPC e pela CGTP-IN, com o apoio da Câmara Municipal de Almada e do Inovinter

<sup>2</sup> O Dr. Hikmat Ajjuri é o Embaixador da Palestina em Portugal.

Partilha, pedir aos estados membros para se lembrar da Palestina e é por isso que hoje, dia 29 de Novembro, celebramos este Dia Internacional de Solidariedade.

A catástrofe começou pelas Nações Unidas e, por isso, eu e a minha liderança acreditamos que a solução tem que vir através das Nações Unidas. E queremos fortalecer esta organização porque é a única organização que garante a segurança e a paz no mundo e por isso tem que encontrar uma solução.

Israel é o país mais forte no Médio Oriente por causa da arma nuclear – é o único país da região que tem a arma nuclear – e vive com essa força. Um provérbio inglês diz: “he who lives by the sword will die by the sword”. Em Portugal diz-se que “quem com ferro mata, com ferro morre”. Mas não é isso que nós queremos para Israel.

Primeiro, nós aceitámos esta partilha e, em 1988, o Conselho Legislativo Palestino reconheceu o Estado da Palestina mas também o Estado de Israel. Depois, houve os Acordos de Oslo e todas as cartas trocadas entre Rabin e Arafat, e, em 2002, a Iniciativa Árabe. A Iniciativa Árabe está baseada na normalização das relações entre os países árabes e Israel, com a condição de este retirar dos territórios ocupados em 1967.

Mas Israel não quis saber de nada disto. Não quis saber do reconhecimento do Estado da Palestina nem da iniciativa Árabe. E, por isso, em 2012 dirigimo-nos às Nações Unidas e fomos reconhecidos por 138 Estados. Mas, infelizmente, não é um reconhecimento pleno porque somos um Estado não membro.

Nós queríamos que este reconhecimento fosse um resultado das negociações mas, infelizmente, negociamos com Israel há 20 anos e, como toda a gente sabe, não tivemos nenhum resultado. Como já disse há dias, eu acredito que as negociações são a maneira cívica de resolver todos os conflitos. Infelizmente, este não é o caso. As negociações não serão a solução para o conflito israelo-palestino nem serão a solução para terminar a ocupação militar por Israel.

Por isso, acho que temos que procurar outros instrumentos de libertação. E eu acredito que a Europa e os seus valores poderão ser esse instrumento. Especialmente, porque 30% do comércio de Israel é com a Europa.

Eu acredito que a Europa é um repositório de valores e, nesta ocasião, eu quero congratular o povo português por viver há 40 anos sem ditadura. Testemunhamos um conflito entre valores e interesses na Europa e eu acredito que a política é a arte dos interesses. Mas, agora, os valores estão em conflito com esses interesses porque nos valores da Europa não podem caber os crimes de Israel.

Nós, palestinos, agradecemos à Suécia pelo reconhecimento do Estado da Palestina, contra todas as pressões. Também agradecemos todas as iniciativas que aconteceram nos parlamentos do Reino Unido, da Irlanda, da Espanha, da França – que vai ser na terça-feira – e esperamos que em Portugal também vá acontecer a mesma coisa muito em breve para pressionar o governo para reconhecer o Estado da Palestina.

O reconhecimento do Estado da Palestina quer dizer o reconhecimento da solução dos dois estados. Todo o mundo acredita na solução dos dois estados. Por isso, o reconhecimento do Estado da Palestina será a solução. Isto também voltará a valorizar as Nações Unidas e voltará a valorizar a legitimidade internacional.

Quando Obama foi a Israel foi levado ver o Iron Dome. Netanyahu disse que isso não protege Israel, o que protege Israel são os outros valores.

Temos que terminar a ocupação, não só pelas crianças palestinas mas também pelas crianças israelitas. Porque se nós defendemos os valores da paz na Palestina, defendemos a paz em todo o mundo.

Muito obrigado pela vossa atenção.